

# RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,  
o texto completo desta tese será  
disponibilizado somente a partir  
de 02/12/2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

Pâmela Berton Costa

**Das trevas à luz em *La casa de los espíritus*:**  
um projeto feminista de leitura, análise, reimaginação e retradução

São José do Rio Preto  
2021

Pâmela Berton Costa

**Das trevas à luz em La casa de los espíritus:**  
um projeto feminista de leitura, análise, reimaginação e retradução

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadoras: FAPESP (Processos 2018/17944-5 e 2019/18611-2) e CAPES

Orientador: Prof. Dr. Lauro Maia Amorim

São José do Rio Preto  
2021

B547t Berton-Costa, Pâmela  
Das trevas à luz em La casa de los espíritus : um projeto feminista de leitura, análise, reimaginação e retradução / Pâmela Berton-Costa.  
-- São José do Rio Preto, 2020  
269 f. : tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto  
Orientador: Lauro Maia Amorim

1. Linguística aplicada. 2. Tradução. 3. Tradução feminista. 4. Linguagem e línguas. 5. Feminismos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Pâmela Berton Costa

**Das trevas à luz em La casa de los espíritus:**  
um projeto feminista de leitura, análise, reimaginação e retradução

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadoras: FAPESP (Processos 2018/17944-5 e 2019/18611-2) e CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Lauro Maia Amorim  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientador

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Érica Luciene Alves de Lima  
Unicamp – Campinas

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angélica Karim Garcia Simão  
UNESP – São José do Rio Preto

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Junqueira de Lima Costa  
UFSC – Florianópolis

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Angélica Deângeli  
UNESP – São José do Rio Preto/SP

São José do Rio Preto  
02 de dezembro de 2020

*Àquelas que ainda têm a coragem de sonhar em tempos tão sombrios:  
sigamos sendo resistência.*

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não existiria sem uma rede de pessoas incríveis que tenho o privilégio e a sorte de ter em minha vida, e meu coração transborda de felicidade por poder honrá-las, mesmo que brevemente.

Agradeço a parceria fantástica que tenho cultivado com meu orientador, Prof. Dr. Lauro Maia Amorim, ao longo dos seis anos que temos trabalhado juntos, desde a Iniciação Científica, quando tudo não passava de indagações e inquietações. Caro Lauro, obrigada por toda a paciência e carinho com que você nos orienta, nos ensina e nos acolhe. Você realmente faz a diferença!

Agradeço também a parceria que tive a possibilidade de desenvolver, graças ao apoio da FAPESP, com a Profa. Dra. Olga Castro, que tão generosamente me recebeu na Universidade de Warwick para um período de estágio internacional que reconfigurou toda a minha pesquisa e no qual tanto aprendi. Obrigada pela disponibilidade, a generosidade e o carinho nos meses em que trabalhamos juntas. Foi uma experiência incrível!

Agradeço ao Luís, que de forma tão inabalável sempre me incentiva e acredita nos meus sonhos, sempre me apoia e me ajuda a ver o melhor em mim. Obrigada por me ajudar a ter coragem.

Agradeço às amigas que genuinamente torcem por mim, que vibram comigo em cada conquista e sofrem também em cada momento difícil: a irmã que a vida me deu, Cássia; as incríveis Milena e Beatriz, que a pós-graduação, o francês e os podcasts me trouxeram, e a querida Lara, parceira de cafés acadêmicos. Sem vocês teria sido impossível.

Agradeço à minha família, por sempre estar ao meu lado, não importa o que aconteça. Agradeço especialmente à minha mãe, Maria Salete, pela torcida, apoio, amor, carinho, cuidado, dedicação, compreensão e gargalhadas durante todas as fases da minha vida. É uma honra ser sua filha!

Agradeço às professoras e professores que direta ou indiretamente me incentivaram, me instigaram, me deram vontade de aprender mais. Devo muito do que sou a todas vocês. Obrigada pela dedicação sem igual às alunas e alunos e pela paixão com que ensinam.

Agradeço especialmente às Profas. Dras. Fabiana Cristina Komesu, do Ibilce, e Diana Junkes Bueno Martha, atualmente da UFSCar, que podem até não lembrar ou saber, mas foram as primeiras a despertar em mim, ainda durante a graduação, a curiosidade pela pesquisa e a vida acadêmica. Eu não teria trilhado esse caminho sem o incentivo de vocês.

Agradeço também às Profas. Dras. Alexandra Lopes, da Universidade Católica Portuguesa, e Pauline Henry-Tierney, da Universidade de Newcastle, que tive a oportunidade de visitar, por terem tido a disponibilidade de me receber e discutir aspectos da minha pesquisa. Obrigada pelas contribuições, elas enriqueceram muito meu trabalho.

Agradeço ainda a toda a rede imensamente generosa de pesquisadoras dos Estudos Feministas da Tradução, sempre tão dispostas a colaborar umas com as outras. Agradeço às pareceristas e às colegas que assistiram às minhas comunicações em eventos, às estudiosas e às tradutoras liberais, às colegas de intercâmbio e às professoras que me receberam. A todas vocês que me ouviram ou leram, que se interessaram, deram sugestões, contribuíram, possibilitaram acesso a bibliografia e enriqueceram meu trabalho, meu muito obrigada.

Agradeço também às professoras que participaram das duas comissões examinadoras do Exame Geral de Qualificação, Profas. Dras. Angélica Karim Garcia Simão, Érica Luciene Alves de Lima e Maria Angélica Deângeli, cujas sugestões e contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço especialmente à professora Angélica por apontar a semelhança sonora entre *Trueba* e *tinieblas*, que se tornou tão crucial para esta tese.

Agradeço às Profas. Dras. Angélica Karim Garcia Simão, Cláudia Junqueira de Lima Costa, Érica Luciene Alves de Lima e Maria Angélica Deângeli por aceitarem o convite para fazer parte da Comissão Examinadora de Defesa deste Doutorado e pela leitura tão atenta e generosa do meu trabalho. Suas sugestões e críticas foram essenciais para lapidar ainda mais a atual versão desta pesquisa.

Por fim, mas absolutamente não menos importante, este imenso trabalho só foi possível graças ao apoio de duas agências financiadoras, a CAPES, durante dois anos do Mestrado, e a FAPESP que, durante os três anos de Doutorado Direto, me possibilitou expandir meus horizontes acadêmicos de formas que nunca imaginei, me dando a incrível oportunidade de aprender, conhecer e me desenvolver profissionalmente.

Assim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, à qual agradeço. Agradeço à FAPESP pela concessão das bolsas de pesquisa, sob os processos nº 2018/17944-5 e 2019/18611-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Cada vez que encontro outras mulheres  
para partilhar histórias  
nos tornamos terra fértil

Ryane Leão (2017, p. 108)

## RESUMO

Este trabalho teve dois objetivos principais: analisar as traduções brasileira e norte-americana do livro *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende, para, em seguida, propor retraduições de trechos selecionados com base nos Estudos Feministas da Tradução. A discussão se inicia com uma reflexão sobre como o pós-estruturalismo, a desconstrução, as concepções sobre sujeito pós-moderno, as questões de identidade e o nome da pessoa autora influenciam o ato tradutório. Em seguida, apresenta-se o conceito de *reimaginação*, que trata da recriação, em outra língua e cultura, das identidades em jogo no texto estrangeiro e das formas como as relações de poder e opressão perpassam essa recriação. A partir da visão de tradução como transformação mediada, parte-se para a contextualização dos feminismos de forma abrangente no contexto ocidental, abordando tanto a escrita literária feminina e feminista da América Latina, quanto as práticas feministas de tradução do Norte ocidental de final do século XX. Com base nessas discussões, apresenta-se a autora, o enredo da obra, as pessoas tradutoras e as edições analisadas a fim de entender de que forma a construção feminista do texto se dá ou não em cada uma das línguas. Para compreender essas discussões, aborda-se a forma como os nomes das personagens permitem uma associação dos feminismos com a ideia de *luz* e do sexismo com a de *trevas*. Através de 33 exemplos selecionados durante a análise, discute-se a reimaginação das personagens e da obra como um todo. Fica evidente que a tradução para o português brasileiro pode ser lida como uma *falotradução*, isto é, uma leitura de mundo baseada em concepções patriarcais. A tradução para o inglês, por sua vez, pode ser entendida como *feminista não-declarada*, ou seja, há uma atenção sistemática às questões feministas, mas sem um posicionamento específico da tradutora em paratextos. Com base nessas conclusões, defende-se a visão de retradução feminista como melhora de uma tradução falocêntrica e, a partir de 16 exemplos contextualizados, são discutidas as propostas feministas de releitura da obra em português brasileiro. Por fim, propõe-se um novo olhar para a tradução que se desenvolva a partir das questões de gênero, sendo mais consciente das relações de poder e opressão que inevitavelmente atravessam o espaço entre línguas e culturas, e o espaço entre significante e significado.

**Palavras-chave:** Estudos Feministas da Tradução. Reimaginação. Retradução. Literatura latino-americana. *La casa de los espíritus*.

## ABSTRACT

This research had two main objectives: to analyze both Brazilian and American translations of *La casa de los espíritus*, by Isabel Allende; and to retranslate selected passages of the novel based on feminist strategies. It starts by discussing how five main elements influence the translation process, namely poststructuralism, deconstruction, postmodern subject, identity, and the author's name. It then proceeds to introduce the concept of *reimagination*, that is, the recreating of the identities at play in the foreign text in another language and culture, highlighting the ways in which power relations and oppression are part of this recreating process. After showing that translation is a mediated transformation from one language to another, this research contextualizes western feminisms, Latin-American feminist writers, and Canadian and American feminist translators of the twentieth century. It then presents the author, the narrative, both translators, and the analyzed editions in order to discuss the feminist interpretation of each text – the foreign text, and each translation. Based on these discussions, this research considers the names of the characters as metaphors to understand feminisms as *light*, and sexism as *darkness*. Through the analysis of 33 examples, the thesis discusses how each translation reimagines the characters and the narrative. It is clear that the Brazilian translation is a *phallogtranslation*, that is, a phallogcentric interpretation of the text. On the other hand, the American translation is seen as a *non-declared feminist* version, in which there is systematic attention to gender issues, but no feminist paratext written by the translator. Based on these conclusions, this research discusses the feminist retranslation of 16 passages to Brazilian Portuguese, in which a feminist retranslation is understood as an improvement of a phallogcentric translation. Finally, the thesis defends a new interpretation of the translation process *through* gender, which intends to be more aware of the power relations and oppressions that cross both the space between languages and cultures, and between significant and signifier.

**Keywords:** Feminist Translation Studies. *Reimagination*. Retranslation. Latin-American literature. *La casa de los espíritus*.

## SUMÁRIO

<b>1. NOTA INTRODUTÓRIA</b>	<b>11</b>
<b>2. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>3. CAPÍTULO 1 – TEXTO, PESSOA AUTORA, LEITORA E TRADUTORA: SOBRE OS MOVIMENTOS INTERPRETATIVOS</b>	<b>16</b>
3.1 O espaço entre significante e significado	16
3.2 O sujeito pós-moderno, a interpretação e seu papel na construção dos significados	20
3.3 O conceito de pessoa autora e suas (supostas) intenções ao escrever	29
3.4 Complexidades acerca do ato tradutório: tradução como <i>reimaginação</i>	35
<b>4. CAPÍTULO 2 – OS CONTEXTOS FEMINISTAS DE ESCRITA E TRADUÇÃO: ONDE TUDO COMEÇA</b>	<b>44</b>
4.1 Os feminismos como influenciadores da ordem social	50
4.2 O caso do/s feminismo/s brasileiro/s e latino-americano/s	61
4.3 A escrita como campo de batalha: quando as mulheres tomam a palavra	68
<b>5. CAPÍTULO 3 – A REIMAGINAÇÃO DE <i>LA CASA DE LOS ESPÍRITUS</i> EM DUAS TRADUÇÕES DIFERENTES</b>	<b>100</b>
5.1 O enredo: entre a realidade e a ficção	100
5.2 As edições analisadas e as vozes que se entrelaçam	114
5.3 As pessoas tradutoras	131
5.4 A análise	135
5.5 Algumas considerações sobre a análise	174
<b>6. CAPÍTULO 4 – QUESTÕES ATUAIS SOBRE RETRADUÇÃO, FEMINISMOS E (RE)TRADUÇÃO FEMINISTA: ONDE TUDO SE ENCONTRA</b>	<b>178</b>
6.1 Considerações sobre retradução: a questão do posicionamento assumido	178
6.2 A Primavera das Mulheres ou a Explosão Feminista brasileira	190
6.3 As várias faces da tradução feminista na atualidade	200
6.4 Retraduzindo <i>La casa de los espíritus</i> para o português brasileiro: uma reimaginação feminista que se pretende interseccional	206
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>251</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>256</b>

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

Antes de iniciar esta tese, é preciso explicar duas questões importantes. Em primeiro lugar, faço uso da primeira pessoa do singular durante todo o texto. Esse é um posicionamento importante dentro dos feminismos de modo geral e representa a tomada de fala, por parte da pesquisadora, buscando evidenciar o papel de enunciativa da mulher que faz pesquisa. Esse recurso é uma forma de evitar o constante apagamento do sujeito – especialmente o sujeito do gênero feminino – das pesquisas, como se isso garantisse a anulação do fator humano. Ressalto que o uso da primeira pessoa, entretanto, não significa que esta pesquisa seja fruto apenas de minha reflexão, isolada do diálogo. Pelo contrário, este texto é resultado de uma troca enriquecedora com diversas pesquisadoras e pesquisadores. No entanto, em uma atitude de posicionamento feminista, este estudo é, acima de tudo, fruto do meu trabalho como pesquisadora – que é perpassado pela posição histórico-social que ocupo de mulher, branca, cis e latino-americana, de classe alta e que tenta, na medida do possível, estar consciente de seus privilégios.

Isso me leva ao segundo posicionamento feminista desta tese, isto é, o uso de linguagem não sexista. Isso significa que não faço uso de masculinos generalizantes (como *os pesquisadores*) para me referir a um grupo de pessoas que inclua ao menos uma mulher, usando, sempre que possível, recursos da língua brasileira para evitá-los. Essa escrita se dá de forma não-disruptiva, ou seja, sem o uso de barras (como *ele/a* ou *autor/a*), nem de neologismos (como *todes* ou *todxs*), mas inevitavelmente causa um certo estranhamento em alguns pontos (como *pessoas autoras* ao invés de *autores*). Esse estranhamento é intencional e busca chamar a atenção para o sexismo que perpassa a linguagem, mas sem romper (muito) com a leitura. A opção é pelo uso sempre de ordem alfabética e pela concordância de gênero e número de acordo com as regras da norma culta do português brasileiro (como em *as tradutoras e tradutores são articuladas*, em que o adjetivo concorda com o artigo). Uso como principais referências o *Manual para uso não sexista da linguagem*, produzido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (TOLEDO et al., 2014), e o *Manual de Linguaxe Inclusiva no Âmbito Universitario*, escrito em galego (BRINGAS LÓPEZ et al., 2012). Ambos estão referenciados após as referências, com o título “Leitura complementar sobre linguagem não sexista”.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um interesse pessoal, resultado de uma curiosidade que surgiu durante um intercâmbio na graduação, em 2014, para o Chile. Tentando me aproximar da história e da cultura do país, busquei livros que retratassem um pouco daquela sociedade e que fossem de escritoras chilenas, porque meu interesse pelas questões feministas estava despertando com mais ímpeto como resultado da minha vivência pessoal articulada ao contexto da época. O nome de Isabel Allende me era vagamente familiar, então optei por seu livro mais famoso, *La casa de los espíritus*. A leitura começou desprezível, mas terminei arrebatada pela forma como Isabel Allende escreve, pelo modo como conduz a pessoa leitora através do fio narrativo e, especialmente, por suas personagens femininas. Buscando mais informações sobre a autora, descobri que ela se autodeclara feminista e que a maioria de seus livros tem mulheres como protagonistas.

Como resultado dos estudos sobre teorias da tradução que me interessavam, desenvolvi, sob orientação do Professor Doutor Lauro Maia Amorim, uma Iniciação Científica no último ano da graduação em que contrastava alguns capítulos do texto em espanhol com os da tradução brasileira. Entusiasmada pelos resultados obtidos, estendemos a pesquisa para todo o livro, acrescentando uma outra tradução, a de língua inglesa, publicada nos Estados Unidos e no Canadá, para comparar de que maneiras os aspectos relacionados ao feminino foram recriados em textos de diferentes pessoas tradutoras, em contextos tão distintos de produção. O objetivo do trabalho de mestrado era analisar de que forma as traduções mais antigas disponíveis à época de início da pesquisa, em março de 2016, para o português e para o inglês recriam as personagens do livro. Após a indicação da Banca do Exame Geral de Qualificação para o desenvolvimento de um Doutorado Direto, no final de 2017, a pesquisa tomou contornos bem diferentes e seguiu linhas de pesquisa que eu não considerava quando decidi iniciar a vida acadêmica.

Há agora nesta tese uma associação clara às teorias feministas e à forma como podem ser aplicadas à tradução – um caminho teórico que fui trilhando aos poucos, após ser desencorajada por pesquisadoras e pesquisadores que me recomendaram não usar o termo “feminista”, mas optar por “feminino”, já que um posicionamento feminista seria visto com maus olhos e poderia gerar críticas ao meu trabalho. Ainda que compreenda a argumentação das pessoas que me aconselharam – já que essa é a mesma estratégia que fez com que diversas acadêmicas brasileiras optassem pelo uso de “Estudos de *Gênero*” ao invés de “Feministas” (COSTA, 2006) – percebo hoje que a substituição de feminista por feminino seria um equívoco

no contexto desta tese. Ao desenvolver esta pesquisa, ao estudar sobre os feminismos e a tradução e ao entender o espaço que essas teorias ocupam hoje, posso afirmar de forma categórica: esta não é uma tese *feminina*, é uma pesquisa inserida nos Estudos *Feministas* da Tradução e é impossível desassociar, no âmbito do que tenho desenvolvido ao longo dos últimos anos, os feminismos da tradução neste texto. Por isso, este trabalho está inserido nos Estudos da Tradução, mais especificamente os Feministas, e busca, a partir dos resultados do estudo contrastivo entre os três livros, compreender como cada uma das traduções recria as críticas à sociedade sexista do texto estrangeiro para, em seguida, propor retraduições feministas de trechos selecionados.

A tese está dividida em quatro capítulos. Inicio a discussão no primeiro capítulo articulando as concepções atuais sobre quatro temas principais: texto, pessoa autora, pessoa leitora e pessoa tradutora. Como nesta pesquisa analiso o resultado de outros dois processos tradutórios, para então propor minhas versões, é preciso compreender a forma como esse processo é visto. Nesse capítulo, então, abro a discussão ao ponderar sobre como o pós-estruturalismo, a desconstrução, as concepções sobre sujeito pós-moderno, as questões de identidade e o nome da pessoa autora influenciam o ato tradutório, tendo sempre em mente o fato de que esse ato se dá enquanto leitura. A partir dessa reflexão, mostro como a tradução é, na verdade, uma interpretação de uma obra em outra língua e como esse processo é subjetivo, ainda que mediado e não irrestrito. Defendo então o uso do termo *reimaginação* para entender a forma como a tradução inevitavelmente recria as identidades em jogo no texto e, em última instância, possibilita uma releitura da Outra e do Outro, aquela ou aquele que não sou.

A partir dessa reflexão, o segundo capítulo contextualiza tanto os feminismos, quanto as práticas feministas de tradução. Partindo de uma descrição histórica dos movimentos feministas principalmente nos três cenários de produção textual envolvidos na pesquisa, isto é, o hispano-americano, o brasileiro e o norte-americano, abordo os impactos dos feminismos no pensamento ocidental até meados dos anos 1980, época de escrita e tradução da obra analisada, refletindo principalmente sobre como as relações de poder e opressão se materializam na sociedade como um todo e, especialmente, dentro dos próprios movimentos que lutam por direitos de grupos sociais oprimidos. Em seguida, resalto dois marcos importantes para esta tese que ocorrem entre as décadas de 1970 e 1980, isto é, o contexto de escrita feminista na América Latina (no qual Isabel Allende está inserida) e as práticas feministas de tradução norte-americanas (ou seja, canadenses e estadunidenses). O capítulo termina com uma aproximação do texto estrangeiro e do nome de Isabel Allende, já que tanto a autora quanto a leitura feminista da obra analisada são discutidas no capítulo seguinte. Assim, inicio o terceiro capítulo com a

apresentação do enredo, ao mesmo tempo em que defendo uma leitura feminista da narrativa e apresento algumas de suas limitações em relação à falta de articulação, em alguns momentos, entre as críticas à sociedade sexista e as questões de classe.

Para tanto, faço um resumo da narrativa, em que explico de que forma os nomes das personagens (Clara, Blanca e Alba, em oposição a Trueba) permitem uma associação dos feminismos com a ideia de *luz* e do sexismo com a de *trevas*. Em seguida, apresento as pessoas tradutoras e as edições analisadas e, a partir das reflexões propostas nos dois capítulos anteriores, analiso exemplos de excertos das traduções *A casa dos espíritos* e *The House of the Spirits* em comparação com o texto em espanhol. A análise evidencia que a tradução para o português pode ser lida como uma *falotradução* – um conceito discutido de forma aprofundada no segundo capítulo e que se refere a uma leitura de mundo baseada em concepções patriarcais. Em contrapartida, a tradução para o inglês pode ser entendida como *feminista não-declarada*, isto é, pode-se perceber uma atenção sistemática e constante às questões feministas, mas o resultado da prática tradutória não pode ser enquadrado nos mesmos moldes do que foi feito pelas tradutoras feministas norte-americanas do final do século XX – um conceito que também desenvolvo de maneira mais detalhada no segundo capítulo.

A partir das conclusões da análise de que a tradução para o português atenua as críticas da obra ao sexismo, sendo menos favorável a uma leitura feminista e provocando um apagamento dessas questões, no quarto capítulo discuto minhas próprias propostas feministas de releitura da obra em português brasileiro. Início o capítulo com uma reflexão sobre como a visão mais comum de retradução como *melhora* de uma versão anterior é prejudicial à própria concepção de tradução, discutindo em seguida uma alternativa a essa visão, isto é, a noção de *leituras múltiplas* e não de substituição. Abordo, então, essa multiplicidade de leituras de uma perspectiva crítica, pensando, a partir dos feminismos, qual é o espaço ocupado pela retradução quando a primeira versão é uma *falotradução* que apaga as questões feministas. Em seguida, retomo a discussão do segundo capítulo sobre os feminismos e a prática tradutória feminista onde a deixei, isto é, a partir do final dos anos 1980 até a atualidade, para apresentar tanto o contexto atual dos feminismos no Brasil, que justifica retraduições como a que proponho, quanto as discussões mais recentes dos Estudos Feministas da Tradução, que formam a base da prática de retradução discutida no final do capítulo.

Por fim, finalizo as discussões desta tese propondo, a partir do estudo aqui realizado, um novo olhar para a tradução e a retradução que se faça mais consciente das relações de poder e opressão que inevitavelmente atravessam ambas as práticas. Com esta pesquisa, pretendo contribuir para os Estudos da Tradução ao articular de forma clara, no contexto brasileiro, as

reflexões feministas à prática tradutória e chamar a atenção para o fato de que existe espaço para essa prática mesmo fora do universo acadêmico, ainda que seja preciso problematizar quais traduções, como sociedade, temos aceitado como válidas. Nas considerações finais, resalto, então, a necessidade de pensar essa atividade *a partir* das questões de gênero, sempre ciente de que o posicionamento ideológico é inevitável, mesmo que muitas vezes ele se dê de forma inconsciente. Embora a atividade tradutória e retradutória não precise ser executada nos moldes aqui propostos, a reflexão feminista tem o potencial de desestabilizar a maneira como essa atividade tem sido praticada, fazendo com que seja possível rever a forma como a articulação das relações de poder e opressão tem sido feita no espaço – inevitavelmente perpassado pelas ideologias – entre as línguas e culturas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a discussão teórica, as análises e as práticas de retradução, chega-se à principal conclusão desta tese: é preciso pensar a tradução *a partir* das questões de gênero a fim de não subscrever à ideologia sexista opressora – e essa afirmação vale para todas as modalidades de prática tradutória. Ao longo desta pesquisa, busquei evidenciar as formas como a tradução enquanto atividade interpretativa é inevitavelmente perpassada por relações de poder e opressão. A pessoa que traduz (entendida aqui não só como a tradutora ou tradutor, mas também incluindo as que fazem parte do processo editorial como um todo, desde a seleção do texto até sua publicação) precisa estar atenta a essas relações a fim de não reproduzir inconscientemente padrões patriarcais, sexistas, racistas, homofóbicos, eurocêntricos, entre vários outros. Uma das contribuições dos feminismos interseccionais é escancarar a naturalização das opressões e a invisibilização das relações de poder nas atividades cotidianas. Quando aplicada à tradução, essa visão é capaz de evidenciar práticas falocêntricas nas formas como os textos têm sido traduzidos e aceitos.

No caso específico do livro abordado neste trabalho, é possível perceber, através das conclusões da análise, que a leitura dominante do texto estrangeiro e a da tradução para o inglês pode ser mais facilmente associada aos feminismos do que a da tradução para o português, o que, quando consideramos ambas as traduções, resulta em duas reimaginações bem distintas. Um dos principais pontos que chama a atenção nesse caso é o fato de que a *falotradução* (HENITIUK, 1999) para o português não só foi aceita, apesar de seus inúmeros equívocos e omissões, como ainda é a única tradução desse que é um dos livros mais importantes dos anos 1980 escrito na América Latina (SHAW, 2005) – por uma mulher, cabe ressaltar. Apesar de as edições mais atuais terem sido revisadas em alguns aspectos, ainda é possível localizar facilmente alguns dos problemas que ficaram evidentes na análise da edição de 1985. Mais especificamente, consultei de forma pontual a edição de 2014, isto é, busquei os 18 problemas da tradução para o português discutidos no terceiro capítulo, dentre os 33 exemplos analisados nesta tese. Foi possível comprovar que cinco desses problemas persistem (os exemplos 3.2, 3.24, 3.26, 3.28 e 3.33) e dois foram modificados, mas se tornaram traduções ainda mais falocêntricas.<sup>229</sup> Ademais, também constatei que a tradução problemática de *violar* [estuprar] por *violar* e não *estuprar* também permanece a mesma.

---

<sup>229</sup> O exemplo 3.1 mudou de *fiz notar* para *relatei*, o que atenua ainda mais a raiva de Trueba; e, no exemplo 3.27, a exclamação na fala de Clara foi intensificada pela inserção de outro ponto de exclamação e um ponto de interrogação.

Essa rápida consulta mostra não só que falotraduções são aceitas, como também que a questão de gênero continua não perpassando a prática tradutória, já que dois exemplos passaram por revisões que continuam perpetrando uma visão sexista. Outro fato importante sobre a aceitabilidade dessas traduções é que edições mais antigas como a que foi usada nesta pesquisa podem ser encontradas em sebos com bastante facilidade, o que faz com que a pessoa leitora brasileira tenha acesso à obra feminista de Isabel Allende através de uma reimaginação falocêntrica, que atenua as críticas ao sexismo e a agência das mulheres. Quando pensamos sobre as críticas à tradução feminista norte-americana dos anos 1980, acusada de ser intervencionista demais, é inevitável considerar a pergunta: por que as traduções que se declaram feministas são tidas como problemáticas, enquanto uma falotradução é aceita por mais de trinta anos sem ser questionada?

A resposta parece apontar para a hipótese de que só se considera que uma tradução intervencionista foi *longe demais* no jogo da ideologia quando o *longe demais* faz referência à subversão do *status quo*. Enquanto as traduções subscrevem às ideologias dominantes, elas são aceitáveis. Como exemplo, tem-se o caso de *Le deuxième sexe* em inglês, que, ao ser traduzido pela primeira vez, teve mais de 10% do texto estrangeiro cortado (SIMONS, 1983) e, mesmo assim, foi aceito e publicado como uma tradução válida por décadas. Foi apenas através de uma mobilização constante das feministas em favor de uma nova tradução e do questionamento da validade da primeira versão que o livro finalmente foi retraduzido em sua integridade (ainda que a qualidade da nova tradução tenha sido amplamente questionada). E é exatamente para esse ponto que esta tese quer chamar a atenção, isto é, para o potencial que a prática feminista de tradução tem de ressaltar as formas como os espaços entre as línguas e culturas, e entre significante e significado têm sido preenchidos por uma ideologia falocêntrica.

Assim, por mais que eu me posicione contra o uso do discurso da *evolução* através da retradução (o que o caso de *Le deuxième sexe* em inglês já prova ser passível de erro), preferindo a concepção de leituras múltiplas e diferentes interpretações de um texto que podem coexistir sem apagar umas às outras (MASSARDIER-KENNEY, 2015; FLOTOW, 2009), é preciso considerar essa visão de leituras múltiplas a partir de um posicionamento crítico. Quando se trata das relações de poder e opressão que estão sendo questionadas pelos movimentos sociais como os feminismos, acredito que precisamos ainda usar o discurso de evolução para caracterizar a prática retradutória, mesmo que isso implique uma concepção de tradução *em falta*. E aqui é importante ressaltar que a tradução não está *em falta* com o texto estrangeiro no sentido do adágio *traduttore traditore*, que responsabiliza quem traduz pela insuficiência do texto traduzido em ser *o original*; na verdade, uma falotradução está *em falta* com a busca por

uma sociedade mais justa. Isso significa que a imagem de prática retradutória como a evolução de uma falotradução não prejudica os discursos associados à atividade tradutória. Pelo contrário, *evoluir* uma falotradução é mostrar que é preciso tirar do espaço entre as línguas a ideologia sexista e opressora e substituí-la por uma visão de mundo igualitária que está *em falta* nas nossas práticas cotidianas.

Por isso, levando em conta as discussões que os feminismos levantam, fica claro que há leituras que não devem mais ser aceitas como válidas porque são opressoras e perpetuam relações de poder que precisam ser desestruturadas. O que proponho através deste estudo, então, é que a prática tradutória seja repensada *a partir* dos feminismos ou, pelo menos, *em relação a* e *em diálogo com* eles, para que a reimaginação das identidades da Outra e do Outro não resultem opressoras. Ou seja, é preciso que as questões de gênero e de qualquer tipo de opressão sejam sempre consideradas durante o processo interpretativo e tradutório, e isso só é possível através da discussão mais ampla desses temas aplicados à tradução. Esse é, inclusive, um dos pontos principais desta tese: refletir sobre qual é o espaço que o gênero, articulado a outras formas de opressão, ocupa no processo tradutório de reimaginação. É importante, então, discutir a aceitabilidade das estratégias usadas por mim nesta pesquisa, já que muitas escolhas que fiz são controversas, especialmente no que diz respeito às adições ou ao *exagero* da interpretação que beira (ou ultrapassa, em alguns casos) os limites da subversão. Volto, então, ao texto analisado em inglês, que também faz uso de recursos linguísticos que acentuam a mensagem feminista da narrativa, ainda que não haja um posicionamento explícito da tradutora. O fato de que essa tradução é a única disponível do livro até hoje, sendo constantemente reeditada, mostra que há sim aceitabilidade para uma tradução nos limites da subversão feminista.

Seria possível argumentar, entretanto, que as realidades editoriais são muito diferentes nos países da América do Norte e no Brasil, o que justificaria a grande distância entre a visão feminista da tradução para o inglês e a falocêntrica da tradução para o português. Não faz parte do escopo desta pesquisa uma análise editorial e mercadológica, mas, com base no que foi discutido e no contexto de explosão feminista que vivemos hoje no país, é possível defender categoricamente que há espaço para uma leitura feminista não só da obra em questão, mas dos textos de modo geral. E esse ponto chama a atenção para um aspecto muito importante da contemporaneidade que se relaciona com a literatura, mas vai além dela, isto é, o fato de que muitos dos textos que lemos são traduzidos ou passaram por um processo de tradução e reescrita (no sentido de adição), sejam as notícias internacionais que acessamos em sites de jornais online, sejam *posts* em redes sociais que foram traduzidos de outro idioma e se espalham pela internet como se tivessem sido escritos em língua brasileira. Relacionando essa discussão ao

contexto dos feminismos, temos visto recentemente um aumento da repercussão causada por movimentos feministas internacionalmente, mas ainda não temos refletido de forma ampla sobre como os textos têm circulado nesse espaço de tradução global. Porque o mundo de hoje permite uma interconexão de amplo alcance, que se dá através da tradução, ela é indispensável, como afirmam Cláudia Costa e Sonia Alvarez (2014), para forjar alianças e epistemologias feministas.

Ainda que esta pesquisa parta do contexto literário, é possível aplicar as discussões aqui propostas a outros tipos de texto, especialmente se considerarmos esse grande número de traduções que circula na internet, nas redes sociais e em sites de notícia, como os jornais online estrangeiros com edições brasileiras, por exemplo. Não abordo aqui especificamente esses outros tipos de texto e pode parecer que a discussão feita através da literatura está distante de outras práticas tradutórias como a jornalística, no entanto, acredito que esta tese evidencia que as relações de poder e opressão sempre perpassam o espaço tradutório e cabe à pessoa tradutora a responsabilidade de se fazer deliberadamente mais sensível às relações de poder que inevitavelmente atravessam os textos. Dessa forma, defendo que a tradução *precisa* ser pensada em relação com os feminismos justamente porque a busca pela igualdade e equidade entre todos os gêneros não é possível se nossas práticas – incluídas aqui as tradutórias – não forem re-vistas (para retomar o termo de Rich, 1972) *através* das questões de gênero. Isso significa que é de suma importância que a tradução seja pensada não só no momento de “sentar e traduzir”, mas também como atividade mais ampla de pesquisa e conscientização sobre questões outras, como por exemplo a forma como o texto estrangeiro é escolhido para ser traduzido ou como ele é visto dentro de sua própria cultura no que diz respeito a gênero, como ressalta a pesquisa de Shread (2011).

Quando consideramos a realidade do mundo interconectado de hoje, é possível perceber como a tradução tem reproduzido de forma sistemática as relações de poder e opressão da nossa sociedade de maneira muito semelhante ao que foi discutido sobre a reprodução de padrões patriarcais dentro de movimentos sociais revolucionários, como o sufragista. Assim, através da análise e retradução de um texto literário, espero ter sido capaz de mostrar que é impossível separar nossas práticas da ideologia, seja de forma consciente ou não. Cabe então a reflexão sobre *como* temos executado essas práticas e a quais ideologias dominantes temos subscrevido de forma não deliberada para que possamos re-ver nossos posicionamentos em busca de uma luta por igualdade e equidade que se estenda aos processos de tradução e retradução e que permita uma reimaginação mais justa das identidades advindas de outras culturas e realidades linguísticas. O que os feminismos aplicados à tradução nos propõem é um profundo

questionamento de nossas práticas tradutórias que resulte, em última instância, na substituição de hábitos patriarcais que persistem em preencher de trevas o espaço entre as línguas, por outros que promovam a igualdade e a equidade e o preencham de luz.

## REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. Trad. Carlos Martins Pereira. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. 15. ed. Barcelona: Plaza & Janes, 1985a.
- ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. Trad. Carlos Martins Pereira. 5. ed. São Paulo: Difel, 1985b.
- ALLENDE, Isabel. **The House of the Spirits**. Trad. Magda Bogin. New York: Bantam Books, 1986.
- ALLENDE, Isabel. Writing as an act of hope. **Peace Review**, v. 5, n. 2, p. 165–175, 1993.
- ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. Trad. Carlos Martins Pereira. 44. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- ALLENDE, Isabel. **Tales of passion - TED Conference**. Isabel Allende. 2017. Disponível em: <[https://www.isabelallende.com/en/words/tales\\_of\\_passion](https://www.isabelallende.com/en/words/tales_of_passion)>. Acesso em: 11 maio 2017.
- ALLENDE, Isabel. **Isabel Allende**. Isabel Allende. 2020. Disponível em: <<https://www.isabelallende.com>>. Acesso em: 9 out. 2020.
- ÁLVAREZ, Sonia E. Los feminismos latinoamericanos se globalizan en los noventa: retos para un nuevo milenio. *In*: BARRAZA, María Luisa Tarrés (Org.). **Género y cultura en América Latina: Volumen I**. Cidade do México: El Colegio de Mexico, 1998, p. 89–133.
- ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Ed.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 48–63.
- AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **Tradução & perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Uneso Digital, 2015.
- ANDRADE, Danubia. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 691–713, 2016.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- ARROJO, Rosemary. Fidelity and the gendered translation. **TTR**, v. 7, n. 2, p. 147–162, 1994.
- ARROJO, Rosemary. Os Estudos da Tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 1, p. 53–69, 1996.
- ARROJO, Rosemary. The “death” of the author and the limits of the translator’s visibility. *In*: SNELL-HORNBY, Mary; JETTMAROVÁ, Zuzana; KAINDL, Klaus (Orgs.). **Translation as Intercultural Communication**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997, p. 21–32.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93–110.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. Preface. *In*: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Eds.). **Translation, History and Culture**. London and New York: Pinter, 2011.

BASU, Amrita. Introduction. *In*: BASU, Amrita (Ed.). **The challenge of local feminisms: Women's movements in global perspective**. Boulder, Oxford (UK): Westview Press, 1995, p. 1–21.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Volume 2: A experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016[1949].

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie (Org.). **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2011[1921], p. 101–119.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, v. 4, 1990. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

BERTON-COSTA, Pâmela. Retranslation as Feminist Re-visioning: La casa de los espíritus into Brazilian Portuguese. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, v. 13, n. 1, p. 183–205, 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. **Memoria Chilena: La casa de los espíritus (1982)**. Memoria Chilena. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-94788.html>>. Acesso em: 9 out. 2020.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (Orgs.). **50 anos de feminismos: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

BOULOGNE, Pieter. And now for something completely different ... Once again the same book by Dostoevsky: A (con)textual analysis of early and recent Dostoevsky retranslations into dutch. **Cadernos de Tradução**, v. 39, n. 1, p. 117–144, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

BRANAMAN, Ann. Feminism and Identity. *In*: ELLIOTT, A. (Org.). **Routledge Handbook of Identity Studies**. London: Routledge, 2011, p. 30–49.

CALZADA-PÉREZ, María. Introduction. *In*: CALZADA-PÉREZ, María (Org.). **Apropos of Ideology: Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies**. Manchester, UK: St. Jerome, 2003, p. 1–22.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CANAVAGGIO, Jean. Retraduire Don Quichotte pour la Pléiade. *In*: KAHN, Robert; SETH, Catriona (Eds.). **La Retraduction**. Mont-Saint-Aignan: Publications des universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 155–171.

CASTILLO, Debra A. Latin American Gender Studies in the Twenty-First Century. **Comparative Critical Studies**, v. 6, n. 2, p. 233–250, 2009.

CASTRO, Olga. La traducción como mecanismo de (re)canonización: el discurso nacional y feminista de Rosalía de Castro en sus traducciones al inglés. **Quaderns. Revista de Traducció**, v. 19, p. 199–217, 2012.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? **TradTerm**, Trad. Beatriz Regina Guimarães Barboza. v. 29, p. 216–250, 2017.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. Introduction: Re-Envisioning Feminist Translation Studies – Feminisms in Translation, Translations in Feminism. *In*: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Orgs.). **Feminist Translation Studies: local and transnational perspectives**. New York: Routledge, 2017a, p. 1–11.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Orgs.). **Feminist translation studies: local and transnational perspectives**. New York: Routledge, 2017b. (Routledge advances in translation and interpreting studies, 20).

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek; FLOTOW, Luise von; *et al* (Orgs.). Towards Transnational Feminist Translation Studies. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, v. 13, n. 1, 2020.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, v. 13, n. 1, p. 11–44, 2020.

CENTRO DE DOCUMENTACIÓN DE BIENES PATRIMONIALES. **Barrio de mala vida**. Tesouro de Arte & Arquitectura. Disponível em: <<https://www.aatespanol.cl/terminos/300000752>>. Acesso em: 19 set. 2020.

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. **Signs**, v. 13, n. 3, p. 454–472, 1988.

COLLINS, Patricia Hill. Intersectionality’s Definitional Dilemmas. **Annual Review of Sociology**, v. 41, n. 1, p. 1–20, 2015.

COLLOMBAT, Isabelle. Le XXI<sup>e</sup> siècle : l’âge de la retraduction. **Translational Studies in the New Millennium**, v. 2, p. 1–15, 2004.

CORRÊA, Raquel Dotta; BLUME, Rosvitha Friesen. Prefácio de tradução ou manifesto feminista? **Interdisciplinar**, v. 13, p. 185–195, 2011.

COSTA, Claudia de Lima. Lost (and Found?) in Translation: Feminisms in Hemispheric Dialogue. **Latino Studies**, v. 4, p. 62–78, 2006.

COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia E. Dislocating the Sign: Toward a Translocal Feminist Politics of Translation. **Signs**, v. 39, n. 3, p. 557–563, 2014.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1, p. 139–167, 1989.

CURIEL, Ochy. Identidades essencialistas o construcción de identidades políticas: El dilema de las feministas negras. **Otras Miradas**, v. 2, n. 2, p. 96–113, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Kathleen. Signature in Translation. *In*: DELABASTITA, Dirk (Org.). **Traductio: Essays on Punning and Translation**. Manchester: St. Jerome Publishing e Presses Universitaires de Namur, 1997, p. 23–43.

DAVIS, Kathleen. **Deconstruction and Translation**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: teorias e práticas subversivas Nísia Floresta e a escola de tradução canadense. **Textos de História**, v. 8, n. 1/2, p. 157–188, 2000.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. *In*: OTTONI, Paulo (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Trad. Érica Lima. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 19–25.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a, p. 24–47.

DUARTE, Constância Lima. Memoricídio: o apagamento da história das mulheres na literatura e na imprensa. *In*: Aracaju: [s.n.], 2019b.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Trad. Luís Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latino-americanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v. 14, n. 33, p. 37–54, 2009.

ESTEVEZ, Lenita. **Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2014.

ESTEVEES, Lenita Maria Rimoli. Uma discussão sobre a prática da retradução com base no caso das republicações de obras de Clarice Lispector no exterior. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 55, n. 3, p. 651–676, 2016.

FALEIROS, Álvaro. Na esfera da reimaginação. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 11, p. 37–46, 2010.

FALLON, Claire. Becoming Jane: How Austen Transformed Into a Chick Lit Icon. **Huffpost**, 2017. Disponível em: <[http://www.huffpostbrasil.com/entry/jane-austen-chick-lit-icon\\_us\\_596ce868e4b010d77672b528](http://www.huffpostbrasil.com/entry/jane-austen-chick-lit-icon_us_596ce868e4b010d77672b528)>. Acesso em: 19 jul. 2017.

FEDERICI, Eleonora; LEONARDI, Vanessa. Introduction. *In*: FEDERICI, Eleonora; LEONARDI, Vanessa (Orgs.). **Bridging the Gap Between Theory and Practice in Translation and Gender Studies**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2013, p. 1–3.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

FISH, Stanley. What Makes an Interpretation Acceptable? *In*: **Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities**. Cambridge, London: Harvard University Press, 1982, p. 338–355.

FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. **TTR**, v. 4, n. 2, p. 69–84, 1991.

FLOTOW, Luise von. **Translation and Gender: Translating in the ‘Era of Feminism’**. Manchester (UK): St. Jerome Publishing, 1997.

FLOTOW, Luise von. Dis-Unity and Diversity: Feminist Approaches to Translation Studies. *In*: BOWKER, Lynne; CRONIN, Michael; PEARSON, Jennifer (Eds.). **Unity in Diversity? Current Trends in Translation Studies**. Manchester (UK): St. Jerome, 1998, p. 3–14.

FLOTOW, Luise von. This Time “the Translation is Beautiful, Smooth, and True”: Theorizing Retranslation with the Help of Beauvoir. *In*: DAY, James (Org.). **Translation in French and Francophone Literature and Film**. Amsterdam, New York: Rodopi, 2009, p. 35–50.

FLOTOW, Luise von. Translation. *In*: GOODMAN, Robin Truth (Org.). **The Bloomsbury Handbook of 21st-Century Feminist Theory**. London and New York: Bloomsbury, 2019, p. 229–243.

FLOTOW, Luise von; FARAHZAD, Farzaneh. Introduction. *In*: FLOTOW, Luise von; FARAHZAD, Farzaneh (Orgs.). **Translating Women: Different voices and new horizons**. New York and Oxon: Routledge, 2017, p. xiii–xvi.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Michel Foucault - Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264–298. (Coleção Ditos & Escritos, III).

FROHMANN, Alicia; VALDÉS, Teresa. Democracy in the country and in the home: The women's movement in Chile. *In*: BASU, Amrita (Org.). **The challenge of local feminisms: Women's movements in global perspective**. Boulder, Oxford (UK): Westview Press, 1995, p. 276–301.

FROTA, Maria Paula. Tradução, pós-estruturalismo e interpretação. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 1, p. 83–90, 1996.

FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise**. Campinas: Pontes, 2000.

FROTA, Maria Paula; MARTINS, H. F. Sobre o que chamamos de tradução. *In*: PIETROLUONGO, Márcia Atália (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 157–173.

GERASSI, John. The second sex 25 years later. **Society**, v. 13, n. 2, p. 79–85, 1976.

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse / Translation. **Tessera**, v. 6, p. 42–53, 1989.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

GONZALES, Lélia. Homenagem a Lélia Gonzales: Lélia fala de Lélia. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 383–386, 1994.

GOOGLE TRENDS. **Meu Primeiro Assédio: Quando um momento na TV vira uma campanha nacional**. Google Trends 2015. Disponível em: <[https://trends.google.com/trends/story/BR\\_cu\\_Awe0NVEBAADmsM\\_en](https://trends.google.com/trends/story/BR_cu_Awe0NVEBAADmsM_en)>. Acesso em: 12 mar. 2020.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, Trad. Selvino José Assmann. v. 4, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/911/10852>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GRUPO EDITORIAL RECORD. **Site oficial do Grupo Editorial Record**. Disponível em: <<https://www.record.com.br/editoras>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter Carlos. **Dicionário de Tradutores Literários do Brasil**. Disponível em: <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/consulta.php>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GUIMARÃES BARBOZA, Beatriz Regina. Traduzindo *The Awful Rowing Toward God*, de Anne Sexton, para o português brasileiro através da perspectiva dos estudos feministas de tradução. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 72, n. 2, p. 115–126, 2019.

GUTERRES, António. A (des)igualdade de género e o (des)equilíbrio de poder. **Nações Unidas, Centro Regional de Informações para a Europa Ocidental**, Disponível em: <<https://unric.org/pt/a-desigualdade-de-genero-e-o-desequilibrio-de-poder/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

HART, Stephen M. Magical Realism in the Americas: Politicised Ghosts in “One Hundred Years of Solitude,” “The House of the Spirits”, and “Beloved”. **Journal of Iberian and Latin American Studies**, v. 9, n. 2, p. 115–123, 2003.

HATIM, Basil; MASON, Ian. Ideology. *In*: HATIM, Basil; MASON, Ian (Orgs.). **The Translator as Communicator**. London: Routledge, 1997, p. 143–163.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 1, p. 215–241, 2009.

HENITIUK, Valerie. Translating Woman: Reading the Female through the Male. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 44, n. 3, p. 469–484, 1999.

HENITIUK, Valerie. Feminism. *In*: RAWLING, Piers; WILSON, Philip (Orgs.). **The Routledge Handbook of Translation and Philosophy**. 1. ed. [s.l.]: Routledge, 2018, p. 256–270. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781317391326/chapters/10.4324/9781315678481-17>. Acesso em: 17 dez. 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Ed.). **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 11–19.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a, p. 9–20.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Ed.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b, p. [Edição Kindle].

HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019c.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019d. [Edição Kindle].

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O pensamento feminista. *In*: **XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura 2019**. Aracaju: [s.n.], 2019e.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; BOGADO, Maria. Rua. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Ed.). **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 23–42.

HOLMES, Mary. Gendered Identities. *In*: ELLIOTT, A. (Org.). **Routledge Handbook of Identity Studies**. London: Routledge, 2011, p. 186–203.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. 2001.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. **The Politics of Postmodernism.** New York: Routledge, 1989.

JEHENSON, Myriam Yvonne. **Latin-American Women Writers: Class, Race, and Gender.** Albany: State University of New York Press, 1995.

KADISH, Doris Y. Preface. *In*: KADISH, Doris Y.; MASSARDIER-KENNEY, Françoise (Eds.). **Translating Slavery: Gender and Race in French Abolitionist Writing, 1780-1830.** Kent: The Kent State University Press, 2009, v. 1, p. vii–xiv.

KADISH, Doris Y.; MASSARDIER-KENNEY, Françoise (Orgs.). **Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823.** Kent and London: The Kent State University Press, 1994.

KAMAL, Hala. Translating Women and Gender: The Experience of Translating “The Encyclopedia of Women and Islamic Cultures” into Arabic. **WSQ: Women's Studies Quarterly**, v. 36, n. 3–4, p. 254–268, 2008.

KLAHN, Norma. Locating women's writing and translation in the Americas in the age of latinamericanismo and globalization. *In*: ALVAREZ, Sonia E.; COSTA, Claudia de Lima; FELIU, Verónica; *et al* (Orgs.). **Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Americas.** Kindle Edition. Durham: Duke University Press, 2014, p. 38–56.

KOLODNY, Annette. Dancing through the Minefield: Some Observations on the Theory, Practice and Politics of a Feminist Literary Criticism. **Feminist Studies**, v. 6, n. 1, p. 1–25, 1980.

KOSKINEN, Kaisa; PALOPOSKI, Outi. Retranslations in the age of digital reproduction. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 11, p. 19–38, 2003.

LANDERS, Clifford E. **Literary Translation: A Practical Guide.** Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

LARGO, Eliana. 50 anos de feminismo no Chile: texto e contexto. *In*: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (Orgs.). **50 anos de feminismos: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017, p. 99–135.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Ed.). **Pensamento feminista: Conceitos fundamentais.** Trad. Susana Bornéo Funck. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. [Edição Kindle].

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LEONARDI, Vanessa. Can We Translate Ambiguity? *In*: FEDERICI, Eleonora; LEONARDI, Vanessa (Orgs.). **Bridging the Gap Between Theory and Practice in Translation and Gender Studies.** Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2013, p. 63–74.

LEVINE, Suzanne Jill. Translation as (Sub)Version: on Translating Infante's *Inferno*. In: VENUTI, Lawrence (Org.). **Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology**. London: Routledge, 1992, p. 75–87.

LIMA, Érica; SISCAR, Marcos. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. **Alfa**, v. 44, n. esp., p. 99–112, 2000.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Trad. Pê Moreira. 1. ed. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020, p. 52–83.

MADERS, Angelita Maria; ANGELIN, Rosângela. Movimentos feministas e de mulheres no Brasil: (re)construindo as identidades das mulheres em busca de direitos de cidadania e relações equitativas de gênero. **Revista Direitos Culturais**, v. 8, n. 16, 2013.

MARTIN, Gerald. The “Boom” of Spanish-American Fiction and the 1960s Revolutions (1958–75). In: CASTRO-KLAREN, Sara (Org.). **A Companion to Latin American Literature and Culture**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2008, p. 478–494.

MASSARDIER-KENNEY, Françoise. Translation Theory and Practice. In: KADISH, Doris Y.; MASSARDIER-KENNEY, Françoise (Orgs.). **Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823**. Kent and London: The Kent State University Press, 1994, p. 11–25.

MASSARDIER-KENNEY, Françoise. Toward a Rethinking of Retranslation. **Translation Review**, v. 92, n. 1, p. 73–85, 2015.

MEDEIROS-LICHEM, María Teresa. **Reading the Feminine Voice in Latin American Women's Fiction: from Teresa de la Parra to Elena Poniatowska and Luisa Valenzuela**. New York: Peter Lang Publishing, 2002.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MEYER, Doris. Exile and the Female Condition in Isabel Allende's. **The International Fiction Review**, v. 15, n. 2, p. 151–157, 1988.

MEYER, Doris. “Parenting the Text”: Female Creativity and Dialogic Relationships in Isabel Allende's “La casa de los espíritus”. **Hispania**, v. 73, n. 2, p. 360–365, 1990.

MILLS, Sara. Knowing your place: a Marxist feminist stylistic analysis. In: TOOLAN, Michael (Org.). **Language, text and context: essays in stylistics**. London: Routledge, 1992, p. 182–205.

MILLS, Sara. **Gendering the reader**. London: Harvester Wheatsheaf, 1994.

MILLS, Sara. **Feminist Stylistics**. London and New York: Routledge, 1995.

MOI, Toril. The Adulteress Wife - Review of *The Second Sex* by Simone de Beauvoir, translated by Constance Borde and Sheila Malovany-Chevallier. **London Review of Books**, v. 32, n. 3, p. 3–6, 2010.

MORAES, Mariana. Menina de 10 anos estuprada pelo tio está no Recife; movimentos contra e a favor do aborto se reúnem em hospital. **Diário de Pernambuco**, 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/08/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-esta-em-recife-movimentos-contr.html>>. Acesso em: 25 out. 2020.

MOREIRA, João Almeida. Menina de 10 anos grávida após violação faz aborto e é chamada de assassina. **Diário de Notícias**, 2020. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/menina-de-10-anos-gravida-apos-violacao-faz-aborto-e-e-chamada-de-assassina--12529178.html>>. Acesso em: 25 out. 2020.

MUDROVIC, María Eugenia. Reading Latin American Literature Abroad: Agency and Canon Formation in the Sixties and Seventies. In: BALDERSTON, Daniel; SCHWARTZ, Marcy E. (Orgs.). **Voice-Overs: Translation and Latin American Literature**. New York: State University of New York Press, 2002, p. 129–143.

NASCIMENTO, Tatiana. Quem nomeou essas mulheres “de cor”? Políticas feministas de tradução que mal dão conta das sujeitas negras traduzidas. **Translatio**, v. Tradução e Diásporas Negras, n. 13, p. 127–142, 2017.

NATANSOHN, Graciela; REIS, Josemira Silva. Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira’. **Triade**, v. 5, n. 10, p. 113–130, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. **Comum**, Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. v. 6, n. 17, p. 5–23, 2001.

ONU. **ONU Mulheres Brasil**. ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

PALESTRA CONTRERAS, Sandra. Feminismos no Chile: traços de ontem e de hoje. In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (Orgs.). **50 anos de feminismos: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017, p. 219–226.

PALOPOSKI, Outi; KOSKINEN, Kaisa. Reprocessing texts. The fine line between retranslating and revising. **Across Languages and Cultures**, v. 11, n. 1, p. 29–49, 2010.

PASTOR, Brígida M.; DAVIES, Lloyd Hughes. Introduction: The Feminine Voice in Latin American Literature. In: PASTOR, Brígida M.; DAVIES, Lloyd Hughes (Orgs.). **A companion to Latin American women writers**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2012, p. 1–22.

PENROD, Lynn K. Translating Hélène Cixous: French Feminism(s) and Anglo-American Feminist Theory. **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, v. 6, n. 2, p. 39–54, 1993.

PICKFORD, Susan. Translation Competence and Professional Habitus in the 2009 English Retranslation of Simone de Beauvoir’s *Le deuxième sexe*. **Rivista di studi letterari, postcoloniali e di genere**, v. 5, p. 27–42, 2019.

PITANGUY, Jacqueline. A carta das mulheres brasileiras aos constituintes: memórias para o futuro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Ed.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 81–98.

PPDM. **Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres**. Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres. Disponível em: <<https://plataformamulheres.org.pt/toolkit/ativismo-feminista/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

PRINCETON UNIVERSITY. **Advanced English Dictionary**. Princeton: Princeton University WordNet, Version: WordNet 3.1, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad-racionalidad. **Peru Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *In: Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 285–327.

R7. Mãe de participante do MasterChef Júnior não quer mais nome da filha na mídia após abuso nas redes sociais. **Entretenimento R7**, 2015. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/mae-de-participante-do-masterchef-junior-nao-quer-mais-nome-da-filha-na-midia-apos-abuso-nas-redes-sociais-06102019>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

REIMÓNDEZ, María. We need to talk... To each other. On polyphony, postcolonial feminism and translation. *In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Orgs.). Feminist translation studies: local and transnational perspectives*. New York and London: Routledge, 2017.

REIS, Josemira Silva. Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, p. 1–13, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

RICH, Adrienne. When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision. **College English**, v. 34, n. 1, p. 18–30, 1972.

RIOS, Flavia; RATTS, Alex. A Perspectiva Interseccional de Lélia Gonzalez. *In: MAGALHÃES PINTO, Ana Flávia; CHALHOUB, Sidney (Orgs.). Pensadores negros - Pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 387–404.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROJAS, Mario A. “La casa de los espíritus”, de Isabel Allende: un caleidoscopio de espejos desordenados. **Revista Iberoamericana**, v. 51, n. 132, p. 917–925, 1985.

RTP. **Carlos Martins Pereira (1937-2013)**. RTP. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/antena2/?article=2523&visual=2>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 31–48, 2001.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, p. 35–50, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2017.

SERRANO, Cristina Ruiz. Paradigmas patriarcales en el realismo mágico: alteridad femenina y ‘feminismo mágico’ en *La casa de los espíritus* de Isabel Allende y *Los recuerdos del porvenir* de Elena Garro. **Bulletin of Spanish Studies**, v. 88, n. 6, p. 863–885, 2011.

SERRÃO, Raquel de Araújo. A hora e a vez do rosa no pós-boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina. **Olho d’água**, v. 5, n. 1, p. 103–118, 2013.

SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin; ROSA, Alexandra Assis. **Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): A Critical Bibliography**. Disponível em: <<http://www.translatedliteratureportugal.org/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

SHAW, Donald L. Towards a Description of the Post-Boom. **Bulletin of Hispanic Studies**, v. 66, n. 1, p. 87–94, 1989.

SHAW, Donald L. The Post-Boom in Spanish American Fiction. **Studies in 20th & 21st Century Literature**, v. 19, n. 1, p. 11–27, 1995.

SHAW, Donald L. **Nueva narrativa hispanoamericana: Boom. Posboom. Posmodernismo**. Madrid: Cátedra, 2005.

SHREAD, Carolyn. On becoming in translation: Articulating Feminisms in the translation of Marie Vieux-Chauvet’s *Les Rapaces*. In: **Translating Women**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2011, p. 283–303.

SILVA, Barbara Zocal da; BEZERRA, Wilson Alves. Aquém das fronteiras: a produção e a tradução literária de autoras latino-americanas. **Cadernos de Literatura em Tradução**, v. 21, p. 7–12, 2019.

SILVA, Tauana Olivia Gomes; FERREIRA, Gleidiane de Sousa. E as mulheres negras? Narrativas históricas de um feminismo à margem das ondas. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1017–1033, 2017.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission**. London: Routledge, 1996.

SIMONS, Margaret A. The silencing of Simone de Beauvoir guess what’s missing from the second sex. **Women’s Studies International Forum**, v. 6, n. 5, p. 559–564, 1983.

SMITH, Kathryn M. Telling (T)he(i)r Story: The Rise of Female Narration and Women’s History in Isabel Allende’s *The House of the Spirits*. **Florida Atlantic Comparative Studies Journal**, v. 11, p. 79–92, 2008.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 98–107.

STATEN, Henry. Tracking the “Native Informant”: Cultural Translation as the Horizon of Literary Translation. *In*: BERMAN, Sandra; WOOD, Michael (Orgs.). **Nation, Language, and the Ethics of Translation**. Oxford: Princeton University Press, 2005, p. 111–126.

STEENMEIJER, Maarten. How the West Was Won: Translations of Spanish American Fiction in Europe and the United States. *In*: BALDERSTON, Daniel; SCHWARTZ, Marcy E. (Orgs.). **Voice-Overs: Translation and Latin American Literature**. New York: State University of New York Press, 2002, p. 129–143.

SWANSON, Philip. Isabel Allende. *In*: PASTOR, Brígida M.; DAVIES, Lloyd Hughes (Orgs.). **A companion to Latin American women writers**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2012, p. 159–167.

SYCORAX. **Coletivo Sycorax**. Sycorax. Disponível em: <<http://coletivosycorax.org/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

TONG, Rosemarie. **Feminist thought: a more comprehensive introduction**. 3rd ed. Boulder, Colo: Westview Press, 2009.

TROUCHE, André. Boom e pós-boom. *In*: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Niterói, Juiz de Fora: EdUFF, 2012, p. 83–102.

TUBAU, Susagna. Rivera Garretas’s translation of Virginia Woolf’s *A Room of One’s Own*: to what extent does practice meet theory? *In*: FEDERICI, Eleonora; LEONARDI, Vanessa (Orgs.). **Bridging the Gap Between Theory and Practice in Translation and Gender Studies**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2013, p. 52–62.

VENUTI, Lawrence. The Translator’s Invisibility. **Criticism**, v. 28, n. 2, p. 179–212, 1986.

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility: a History of Translation**. London: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. **Os escândalos da tradução**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda. Bauru: Edusc, 2002.

VIDAL-CLARAMONTE, María Carmen África. **Traducción, manipulación, desconstrucción**. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1995.

WALKER, John. The theme of “civilización y barbarie” in “Gran señor y rajadiablos”. **Hispanófila**, n. 42, p. 57–67, 1971.

WALLMACH, Kim. Feminist translation strategies: Different or derived? **Journal of Literary Studies**, v. 22, n. 1–2, p. 1–26, 2006.

WASHBOURNE, Kelly. Spanish translation in the US and Canada. *In*: VALDEÓN, Roberto A.; VIDAL, África (Orgs.). **The Routledge Handbook of Spanish Translation Studies**. New York: Routledge, 2019, p. 85–101.

WOLLSTONECRAFT, Mary. A Vindication of the Rights of Woman. *In*: BARNARD, Philip; SHAPIRO, Stephen (Orgs.). **A Vindication of the Rights of Woman: Abridged with Related Texts**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2013, p. 3–77.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, [1990].

ZIRBEL, Ilze. Reflexões feministas sobre igualdade como uniformização e igualdade relacional. **Perspectiva Filosófica**, v. 43, n. 1, p. 39–55, 2016.

### **Leitura complementar sobre linguagem não sexista**

BRINGAS LÓPEZ, Ana; CASTRO, Olga; FARIÑA BUSTO, María Jesús; *et al.* **Manual de linguaxe inclusiva no ámbito universitario**. Vigo: Unidade de Igualdade da Universidade de Vigo, 2012.

TOLEDO, Leslie Campaner de; ROCHA, Maria Anita Kieling da; DERMMAM, Marina Ramos; *et al.* (Orgs.). **Manual para uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende**. Rio Grande do Sul: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2020.

### **Leitura complementar sobre a divisão geopolítica do mundo**

DADOS, Nour; CONNELL, Raewyn. The Global South. **Contexts**, v. 11, n. 1, p. 12-13, 2012.

JESSOP, Bob. The world market, ‘North-South’ relations, and neoliberalism. *Alternate Routes: A Journal of Critical Social Research*, v. 29, p. 207-228, 2018.

KHADER, Serene J. **Decolonizing universalism. A transnational feminist ethic**. New York: Oxford up, 2019.

PATTBERG, Thorsten. **The East-West dichotomy: The conceptual contrast between Eastern and Western cultures**. New York: Foreign Languages Press, 2013.

SCHWARZ, Tobias. What I thought of the term Global South... before I learned how the mainstream uses it. *In*: WOLVERS, Andrea *et al.* (Eds.), **Concepts of the Global South. Voices from around the world**. Colonia: Global South Studies Center, 2015. Disponível em: <[https://kups.ub.uni-koeln.de/6399/1/voices012015\\_concepts\\_of\\_the\\_global\\_south.pdf](https://kups.ub.uni-koeln.de/6399/1/voices012015_concepts_of_the_global_south.pdf)>.